



Novo Campus da USP na Zona Leste O que o IP tem a ver com isso?

Juliana (01) - RD do PSA ^[1]

O projeto de implantação do novo Campus da USP na Zona Leste da Cidade de São Paulo já faz parte dos assuntos debatidos em reuniões do IP, tais como nas reuniões da Congregação, do PSA (Departamento de Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade) e, principalmente, (e felizmente) nas reuniões de RDs.

As informações sobre a implantação e o funcionamento do novo Campus ainda são bastante escassas, tendo como resultado, por um lado, o não envolvimento da *maioria* que desconhece *totalmente* o assunto e, por outro, a formação de inúmeras questões e críticas por parte de um *pequeno grupo* que conhece *um pouco do pouco* que já foi divulgado.

Talvez o relato de algumas das informações já divulgadas a respeito desse novo projeto possa auxiliar a uma possível mudança das palavras destacadas no parágrafo acima, bem como precipitar alguma(s) resposta(s) para a questão presente no título do texto.

No último dia 18 de março, o governador Geraldo Alckimin assinou o decreto que autoriza o uso da área, de 1,25 milhão de metros quadrados

no Parque Ecológico do Tietê, destinada à implantação de Campus da USP na Zona Leste da Capital. Além disso, o governador também anunciou o fornecimento de apoio técnico, via Secretarias de Estado, à realização de estudos e obras para adequar os acessos viários ao novo Campus, como também o financiamento da fase inicial da obra, orçada em R\$ 40 milhões.

As obras devem ser iniciadas no segundo semestre deste ano. Segundo Adolpho José Melfi, reitor da Universidade de São Paulo, o novo Campus seria "como um presente em comemoração ao setenta anos da Universidade", que serão completados em 2004. O reitor acrescenta que o objetivo é oferecer mil vagas em meados do ano que vem e contratar cerca de cem professores em regime de dedicação integral.

O Campus da Zona Leste irá abrigar uma única unidade de ensino, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) que, conforme rege o estatuto da Universidade, deverá oferecer cursos diferentes dos que já existem no Campus da USP na Cidade Universitária. Nesse aspecto, uma informação relevante e que merece atenção especial dos alunos, docentes e demais funcionários do IP é a proposta sobre a criação de um *curso de Psicologia com concentração em Recursos Humanos*.

Além da existência de uma comissão central formada por professores de diversas faculdades da USP, entre elas, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA); Faculdade de Educação (FE); Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

(FFLCH) e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU); subcomissões têm sido formadas a fim de discutir as propostas, conteúdos e estratégias para a implantação do novo Campus.

Com relação ao IP, há a proposta da formação de uma comissão (com a possibilidade da presença de um representante discente) em que se discuta a participação (direta ou indireta) da Psicologia nesse grande empreendimento.

Muitas questões têm sido levantadas na reuniões já mencionadas, como por exemplo, a contratação de professores, os cursos oferecidos, a *proposta do Curso de Psicologia*, a verba orçamentária e até mesmo a finalidade de um novo Campus. O que a Psicologia tem a ver com isso?


Indubitavelmente, a resposta não pode ser diferente: a Psicologia tem muito a ver com isso! E a participação dos alunos é, de forma inquestionável, extremamente relevante. Nesse sentido, deve-se destacar a Representação Discente, como um veículo e um espaço, que visa a facilitar e promover a maior expressividade dos alunos.

Aproveito a oportunidade para, além de convidar os alunos a participarem das reuniões de RDs, comunicar, aos interessados em participar (como representante discente) da comissão que discutirá temas sobre o Campus USP- Zona Leste, a possibilidade de entrar em contato com qualquer RD (a lista com os nomes dos RDs está fixada no mural), mandar um e-mail para a lista de discussão dos RDs (rdpsicousp@yahoogrupos.com.br) ou ir às reuniões que ocorrem em todas as quintas-feira, às 12:30, no CAII

Índice:

Lula lá ... e o povão ...	02
O dia em que resolvi ...	03
Ato Médico ou Desa...	04
Afaga-Me	05
Livros Didáticos de ...	06
Porque Doutorado ...	07
Conversa de Boteco	08
Agenda e Teses	09
O C.A.I.I. e a Luta anti...	10

Aos 4º e 5º anos e Futuras Gerações

José Augusto (01) 

Todos nós, como estudantes da graduação do IPUSP, utilizamos ou utilizaremos as dependências do Centro de Aconselhamento Psicológico - CAP, mais conhecido como o Bloco D ou Clínica. No que se refere às salas disponíveis aos alunos para o atendimento psicológico, é importante destacar que elas são de uso comum. Isso significa que qualquer dano ou desorganização das salas durante um atendimento prejudicará a qualidade do atendimento subsequente.

Por isso, a Comissão Coordenadora do CAP, da qual faço parte como representante discente, vem chamar a atenção dos estudantes para alguns cuidados com a manutenção das salas, fundamentais ao bom funcionamento dos atendimentos:

-Organizar a sala ao fim de cada atendimento.


-Verificar se o cliente sujou ou danificou a sala.

-Verificar se a sala está limpa no fim do atendimento e, se


necessário, procurar o funcionário responsável para fazê-lo.

-Devolver os materiais que forem utilizados (testes, papel etc) ao lugar correto. (não os deixe na sala!).

Atenção, hein? Fiquem ligados! Quaisquer dúvidas sobre o funcionamento do CAP, procurem os membros da Comissão Coordenadora. São eles:

Flávio – PST
Aparecida – PSC
Gê – PSA
Walkiria – PSE
Tarcisio – ADM.120 

Lula Lá... e o Provão Aqui???

Karu (01), Maranhão (01) e Jura (98) 

Com a proximidade do Provão 2003 e diante de uma situação nova no contexto político educacional do Brasil (Lula Lá!!!), várias informações e discussões vem sendo colocadas nas reuniões do CAII. Com base nelas formou-se recentemente um grupo de trabalho sobre a avaliação institucional (vulgo Provão).


O objetivo desse grupo é promover a discussão acerca do tema entre TODOS os estudantes do IPUSP - e não só a turma do 5º ano - já que se trata de uma questão que atinge a todos os envolvidos em uma instituição de ensino superior.

Para fomentar a discussão, esse grupo pretende organizar debates, encontros, participar de atividades externas relacionadas ao tema,

produzir material informativo organizar um arquivo com textos, matérias de jornais, documentos oficiais que tratem do assunto.

Como discutido nas reuniões do C.A., esse grupo terá caráter aberto e permanente. A abertura do grupo garante a livre participação de todo e qualquer estudante que se interesse em qualquer momento de sua vida pela discussão. A idéia de fazê-la permanente pretende aproveitar a discussão que será gerada em torno do provão 2003 (além da acumulada de anos anteriores) como ponto de partida para uma ação mais abrangente e efetiva em relação à avaliação institucional como um todo. Assim, a curto prazo, queremos promover

ações e apoiar o que for discutido em relação ao provão 2003; e a médio e longo prazos, intervir com críticas e propostas sobre a existência do atual processo de avaliação.

Nós, Karu (01), Jura (98) e Maranhão (01) somos, por enquanto, os únicos integrantes desse maravilhoso grupo. De início, nos reuniremos às 13h das quintas-feiras, para juntos irmos almoçar no restaurante "El Bandejón" (comida típica universitária). E das 14 às 15h, estaremos trabalhando sobre o Provão na sala do C.A. Mas esse não é um horário definitivo. Então, se você quiser participar e não curtir o horário, ou tiver sugestões, críticas etc. fale conosco pelos corredores da Psico, ou remeta uma mensagem para: <caii@yahoogrupos.com.br>. 


Rapidinha:

Enviado por Batata (99)

Carteirinhas da USP

Por enquanto, **só alunos ingressantes da FUVEST/2003**

Retirar no Serviço de alunos – Graduação (Bloco 23)

2ª a 6ª das 13:30 às 17:00 horas 

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA:

[R] = Texto Revisado

Carlos Hideaki Fujinaga "Batata" (99), Danilo Silva Guimarães (01), Erika Azevedo (02), Guilherme Gibran Pongibin (98), José Israel Guedes Rodrigues (01), Patrícia Valério Gonçalves (03), Paulo Pita (03), Roberto Lustosa de Andrade (02)

Diagramação: Roberto Lustosa de Andrade (02)

Revisão: José Israel Rodrigues (01)

Publique no Boca: Envie para o e-mail do BOCA textos anexados como documentos do MS-Word (.doc) com/ou imagens em preto e branco até o meio dia de **sábado**, obedecendo a ordem de chegada para as publicações. As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às segundas-feiras das 13 às 13:30. Participe !!

O dia em que resolvi escrever no BOCA

Ivan (02) ¹⁸¹

Praqueles que ficaram mais atentos ao título, talvez tenham pensado no sentido da palavra *resolvi*, confesso que escrever ou não para este nosso jornal sempre foi um problema: o que escrever e como escrever. Na verdade essas duas dúvidas se encerram em uma: para quem escrever? Mas antes disso existe ainda o *desejo*. A partir daqui, o “meu” texto se desprende e se concretiza no mundo e para o mundo, constituído e constituinte da minha individualidade, uma tentativa de coesão dos enunciados nos quais estou disperso.

Estar suavemente envolto delas, as palavras, talvez fosse melhor. Qual seria outro meio de aplacar a angústia de viver uma experiência que é só minha senão pela linguagem? Falar, escutar, olhar, tocar... Ufa... Que bom que podemos... Ou não... Não por impossibilidade física, mas por uma

do invisível e indizível. Barreira ou fronteira? A fronteira sugere uma nova ação ao transpô-la. A barreira: passei-mas-num-vô-mudá. E daí? Não que não se queira, mas que não se possa realmente.

É é pra mim bom estar com vocês, numa multiplicidade de significados que possam ser pensados. Só se sente a falta quando termina.

- O que você está fazendo Nhinhinha?
- Eu? – Eu... tô fazendo... SAUDADE!

Há sempre lugar para uma experiência fundadora da *verdade*. Estamos sempre em *evidência da verdade*, numa síntese de experiências concordantes. Então quando se dá a verdade? Ou a evidência de que estamos sempre em evidência não é uma verdade? E se encontrássemos a verdade, será que

continuaríamos a nos surpreender? Sei lá...O que faríamos com ela também? Alguém sabe me dizer como estão as árvores que plantamos aqui no IP? Darão frutos? Aliás, eram árvores frutíferas?

O que eu queria dizer pra nós neste texto já nem sei mais ou nem tenha certeza do que tinha me proposto, pensei tantas coisas... Uma descontinuidade me tomou conta, mas podemos sim ser assim mesmo.

Se as palavras “*O dia em que resolvi escrever no BOCA*” traduzem uma experiência que tive, de certo que não, ela está integralmente presente nessas poucas palavras, pois elas antecipam uma experiência que ainda não se realizou para vocês e que talvez nunca se realize, assim como também nunca se realize pra mim a experiência de saber como vocês a leram.

Dedico este texto a todos aqueles com os quais converso ou não.



Mari e Lu contra o baixo-astral...

MariB(98) e Luís(01)

Quando pensamos em fazer uma coluna, a princípio semanal, no BOCA tínhamos o intuito de tratar de assuntos diversos sob um ponto de vista que, apesar de satírico, buscava evocar reflexões por parte dos leitores. Qual não foi nossa surpresa ao notar que, estigmatizados pelo título de fofoqueiros, o que escrevamos não ecoava da forma esperada por nós, o que nos decepcionou, e muito.

A começar pelo fato de que as pessoas não puderam compreender quem de fato é a MariLu, identificando-a muitas vezes com a MariB e não a considerando como um produto (e não uma média do que pensamos) de duas mentes férteis e bem-humoradas.

Já que o assunto do mês é preconceito acho que podemos, como MariB e Luís, responder à demanda das bocas mudas que transitam pelos corredores dizendo finalmente o que a gente pensa de tudo isso.

O preconceito berra em todas as situações e direções, não só em relação aos gays, heteros, negros, brancos, outras etnias, religiões diversas, profissões etc. Ou será que isso é fruto de nossa mente doentia? O fato é que o assunto tornou-se um tabu e, entre mortos e feridos, não se toca no assunto.

O que fizemos foi não só tocar no assunto, mas falar o indizível, e o pior de tudo isso foi termos sido criticados por pessoas que se identificam com o texto, mas que se surpreenderam pela forma como foi abordada a questão.

No entanto, ficamos muito felizes com a repercussão do texto representada por poucos que se mobilizaram para falar sobre preconceito, mesmo tendo sido de forma torta e enviesada, já que o intuito era fazer com que falassem do assunto e não produzir uma opinião. Queremos acreditar que nós, universitários, já

somos capazes de fazer isso sozinhos a partir de discussões e de leituras diversas, sejam elas boas ou não.

É irônico sermos taxados de fofoqueiros, criticados por isso e os textos que mais tiveram repercussões “positivas” foram justamente os textos que falaram disso. Todo mundo aqui é inteligente, culto, letrado, mas adora uma Contigo. Pelo menos têm alguns que não têm medo de admitir isso...

A MariLu continua e, como sempre, aberta a participações, comentários, críticas e quem tiver algo a falar, pode falar com ela, viu? E só mais uma coisinha: rolam boatos de que a MariB comprou os direitos autorais da MariLu e segue carreira solo. Gostaríamos de dizer que não existe MariLu sem Mari ou sem Lu...o dia em que um deles sair chamem o Agnaldo Rayol para cantar no velório...achamos que ela ficaria lisonjeada com isso.



Caminhando contra o lixo!

Matias M. Mickenhagen (99) ^{IRI}

Caros Psicologas!

Com que palavras dizer o que sinto? Nem mesmo sei se este texto será uma apresentação ou um convite, bom, de certo modo será um pouco de cada.

Como alguns de vocês sabem, cultivo o hábito de coletar lixo na praça do relógio. Tive a idéia depois de levar meu sobrinho para passear na USP num belo dia de sol. Ele tinha 3 anos de idade em 99, quando, depois de andar um pouco encontrou uma poça de água. Com uma cara sapeca me olhou e perguntou "Tio Mat, posso entrar?" Respondi que sim, mas que tiraríamos seus sapatos antes. Com isso entrou na água e logo começou a pular, em pouco tempo estava molhado da cabeça aos pés, não só ele. Nos divertimos bastante e fomos embora. Dali alguns dias passei por ali indo pro bandeirão. E que susto!!! A região das pedras onde estava a poça onde o Arthur brincara era um como um campo minado, estava, e está, cheia de cacos de vidro. Imagine, não, não imagine.

No mesmo momento recolhi alguns e os joguei fora, decidi que faria alguma coisa. Decidi que cataria lixo pela praça. Fiz um bastão e comecei a caminhar nas horas de almoço; caminhando, pensei em uma camiseta escrita que sou voluntário, assim diria o que penso sem dizer. Pois é, o tempo passou e a professora Sylvia Leser deu a idéia de escrever um diário de campo, o que faço da greve de 2000

pra cá e que já tem muitas curiosidades registradas, além da triste constatação de que nem da metade da praça eu dou conta de manter realmente limpa.


Bom, sem mais rodeios, peço ajuda a vocês, os convido a participar. O ser humano, complexo como o sabemos, vive em um mundo que precisa de sua cooperação, ação pró!!! Sabemos que um ambiente insalubre não ajuda ninguém a ser uma pessoa feliz, e o que queremos não é ver as pessoas felizes? Não digo que a praça seja suja, insalubre, digo que é um lugar belo e que merece nossa ação pró. Digo que é algo muito bom passear por lá, ajuda até a esfriar a cabeça de uma aula complicada. Acredito que todos sabem dos graves problemas ambientais que vive nossa nave mãe (Terra), e que esses problemas têm um fundo ético. Essa é uma atitude pequena, mas é aquilo que posso fazer, e tenho certeza de que poderíamos fazer muito mais juntos. Quem sabe consigamos manter metade da praça limpa, ou quem sabe até ela inteira. Será um bom começo para vivermos em um mundo melhor.

Quero pedir que me digam o dia que preferem. Eu sempre caminhava às quartas-feiras na hora do almoço, pois acredito ser o melhor dia para a maioria do pessoal da Psico. Este ano mudei para sexta-feira, pois tenho aula à tarde nesse dia. Mas tou disposto a mudar novamente para a quarta. Há uma folha no mural sobre meio

ambiente. Se quiserem, manifestem-se.

A semana do dia 22 foi a semana da água, dentro do ano da água doce, água de que somos formados em mais de 70%, não é importante se preocupar com todas essas questões? Um exemplo do que pode ocorrer com água contaminada retirado do livro *Uma Terra somente*: "O primeiro ponto, obviamente, é que nem uma sociedade prudente pode permitir a descarga direta de venenos nas correntes de água. Tomemos o caso do mercúrio. As bactérias do lodo e do material em decomposição o convertem em mercuriato de metila, que se concentra cada vez mais à medida que percorre a cadeia alimentar desde a bactéria até os pequenos organismos vivos da água e, finalmente, até os grandes peixes e o homem. Em 1953, pescadores da grande e semicerrada Baía de Minamata, no Japão, começaram a exibir os sintomas da doença *Mad Hatter* (chapeleiro-louco) - timidez, ansiedade, irritabilidade e alucinações - seguidos muitos deles por transtornos mentais e pela morte. A razão era simples. Os mariscos da baía haviam consumido o mercuriato de metila, os pescadores comeram os mariscos e o veneno ainda mais concentrado tinha ido alojar-se em seus cérebros. Desde então a pesca foi suspensa na Baía de Minamata e a lição é óbvia."

Bom, essa estória exemplifica bem a relação ambiente e psicologia.

Valeu pela atenção e boa semana! 

Ato Médico ou Desacato Médico?

Guarujá (01) ^{IRI}


Vou contar o pouco que eu sei sobre o tal Ato Médico.

O Ato Médico é um projeto de lei que está tramitando pelo Senado Federal e, se for aprovado, todo tratamento de saúde necessitará obrigatoriamente de uma indicação e acompanhamento médico. Portanto, um Psicólogo, um Fisioterapeuta, um Fonoaudiólogo etc. só receberão pacientes indicados por médicos e o tratamento será supervisionado por médicos.

Isso foi o que eu ouvi falar sobre o Ato Médico, não sei se está correto! Por isso, o CAII formou um Grupo de Trabalho (GT) sobre o Ato Médico, para pesquisar o que realmente ele é, realizar debates no IPUSP e pensar o que pode ser feito para ele não ser aprovado (ou não).

O GT Ato Médico atualmente é formado pelo César-Xuxu (01), Sérgio (02) e Santiago (03), mas está aberto para qualquer outro aluno que queira

participar dele (por favor!). Basta procurar um deles ou mandar e-mail para o CAII: caii@yahoogrupos.com.br

Além disso, estão acontecendo reuniões nas sextas-feiras, às 17h no DCE com o pessoal dos outros cursos de saúde: Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Odontologia, Educação Física, Nutrição, Enfermagem, Medicina (esqueci de algum?). 

Capítulo 3

Ele chutava o corpo, as costelas se quebravam, o barulho de ossos sendo estilhaçados não o tornava piedoso. Não percebia que aquele saco humano já não tinha mais vida... De repente o som pára. O silêncio retoma o apartamento.

O que está acontecendo aqui? Este som. Este corpo. O que eu estou fazendo comigo mesmo? Por que tanta raiva? Queria poder sumir. Desaparecer e esquecer que tudo aquilo possa ter acontecido. Sair desta sala e poder olhar para as pessoas com confiança. Sentir que estou sendo querido. Não ter medo. Não quero mais ter medo...

Meio desconfiado, começa a procurar alguém pelo apartamento. Pois não entendia como o som poderia ligar sozinho, ainda mais nessa música. No relógio, 13 horas e poucos minutos.

Como não havia ninguém, retornou ao quarto. Assustou-se com a bagunça. Sentou-se e pegou novamente o diário. Parado, com o diário na mão, não sabia se lia ou não. Parecia assustado, com medo. Levantou com o diário ainda em mãos. Lia em voz alta. Foi até a sala.

“Essa noite está péssima. Romualdo não chega nunca do trabalho... Seis horas da manhã e ele ainda não chegou. Já estou meio preocupada. Normalmente ele chega às quatro. Por essas e outras que eu desconfio que ele tem outra. Eu sinto tanta falta do tempo em que ele trabalhava à tarde. Íamos sempre tomar sorvete. Comíamos no MacDonal’d’s, ele adorava o MacLanche feliz. Hoje não fazemos nada. De dia ele dorme, à noite ele trabalha e nos finais de semana só nos resta deitar no sofá e assistir ao Raul Gil e Faustão. Eu simplesmente não agüento mais essa televisão. Meu sonho era que ela explodisse”.

Ele parado em frente ao mural de fotos, comovia-se com a vida dessa mulher. Forçava-se para não chorar. Por três vezes fechou e abriu o diário, relutando para não continuar a ler.

“Hoje, Romualdo decidiu mudar a sala. Tirou todas as fotos do mural. Apenas deixou nossas fotos de viagens. E a minha família? E os nossos amigos? Por que fazer isso?”.

Ao ler essa frase olhou para o mural. Olhou as de perto. Concentrado nos rostos que estavam estampados nas poucas fotos, não se achou. Via rostos diferentes. Uma mulher e um homem que não era ele. Correu para o banheiro. Olhou-se no espelho. Os cabelos pretos compridos e bem cuidados caíam sobre as bochechas. Os olhos castanhos cintilavam dor e medo. A boca carnuda pouco rosada estava levemente rachada. Tinha o rosto largo, os ossos marcavam a pele. Era bonito.

Voltou para a sala. A cabeça do corpo o “mirou”. Loiro. Rosto fino e não muito bonito. Tinha marcas fortes de espinhas nas bochechas. Não demorou muito e o reconheceu nas fotos. O corpo que estava a seus pés era o mesmo das fotos. E numa fração de segundos uma coisa se esclareceu... Ele não morava ali, e então ninguém trouxera aquele corpo, ele fora até o corpo.

As coisas pareciam mais claras. A mulher do diário era a da foto, e o corpo era o homem que estava junto dela no “quadro”. Mas existia uma única que não se encaixava em todo o contexto daquela casa, e que por sinal, era a única que colocava tudo em desordem: Ele mesmo.

Eu não me acho. Será que devo ligar pra mãe Dinah?... Talvez ela me ajude. Não. Existe um meio melhor... O diário.

Só ele poderá me ajudar... Eu não sou um assassino... Eu sei que não sou... Não posso ser...

“Agora são três e meia... Romualdo chega em meia hora... Não vejo a hora? Toda vez penso que será diferente, que ele irá me tratar bem, que seremos os mesmo amantes que éramos antes. Toda vez que escrevo sobre o quanto minha vida está ruim, eu me lembro da minha vida antes. Do meu antigo casamento... Cristóvão era legal... Se eu queria um blazer “pink”, ele me dava. Ele nem tinha vergonha de mim por eu gostar de Odair José... Nossa, parece que foi ontem... Um dia, eu estava escutando o disco da minha empregada, a Nicileide, sem ela saber... Só que na hora de guardar, o Rufus, meu cachorrinho... Que saudades!... correu e pegou o disco na mão e o quebrou ao meio. Não foi culpa minha, mas a Nicileide me pressionou para que comprasse outro pra ela... Não existia mais, o disco já estava esgotado e se transformado numa pérola. Relíquia mesmo. Ele teve que vender uma das nossas 36 casas para a moça se calar. Eu me culpo até hoje”.

Será que sou o Cristóvão? Ou melhor, ele poderá me esclarecer tudo. Como faria para encontra-lo? Meu Deus, eu estou perdido... Eu sinto isso.

Sentou-se ao chão. Começou a limpar o corpo. Não sabia como iria se desfazer do corpo. Procurou vários sacos de lixos. Todos eram pequenos, 40 litros. Então começou a picotar o corpo. Cortava em pedaços pequenos, e os colocava dentro do lixo com muitos jornais para poder disfarçar um pouco do sangue.

Nossa... Mas e o cheiro? Logo, logo esse corpo vai feder...

- “Caralho... Por que tudo tem que ser tão difícil?”.

Correu para a geladeira. Procurava ovos. Ele queria quebrar alguns dentro dos sacos pra disfarçar o cheiro. Pensava que o cheiro de comida estragada fosse despistar qualquer suspeita sobre um corpo picado em sacos de lixos. No total foram oito sacos de lixos. 16 jornais amassados. 32 ovos. Pensou em colocar três sacos de lixos a cada dois dias. Assim, ninguém desconfiaria. Tudo estava perfeito.

No relógio, seis da tarde. Ficava muito tempo abaixado. Sentia dores nas costas e resolveu deitar um pouco. Dormiu em seguida.

Os olhos pareciam pesados. Os braços tinham movimentos lentos. As pernas pareciam tender a ficar paradas. A barriga doía e a voz não saía, por mais que tentasse gritar. Estava no mesmo apartamento, só que as coisas eram diferentes. Todos os cômodos eram menores. A cozinha quase vazia, com apenas uma mesa e um fogão, extremamente sujos. O lixo sobre a pia transbordava de tanto lixo. Os vermes já estavam por toda a louça encardida de gordura velha. O cheiro era de carniça.

Voltara pra sala, não agüentara o fedor, e, pois não tinha forças pra tapar o nariz. O gosto de “estragado” impregnara por toda a língua. Tentava cuspir o sabor ruim que sentia a cada passo para a sala, mas não conseguia abrir a boca. Na sala deparou-se com uma escuridão imensa. Não batia nenhuma luz sequer. As janelas estavam fechadas. A poeira parecia impregnar todos os móveis, inclusive seu próprio corpo.

Caminhava com poucas forças. De repente às suas costas surge um anão, saído de uma bolsa térmica da sadia,

que estava encostada junto à parede da lavanderia. O anão era muito pequeno, a cabeça grande e com poucos cabelos. Tinha um sorriso cínico no rosto. As covinhas na bochecha completavam o ar sinistro do pequeno ser. Ele vestia um terno bordô de veludo com ombreiras grandes. Os dois botões do paletó estavam abertos.

Com a camisa laranja meio aberto, dava pra ver a barriga saliente e um a enorme cicatriz do umbigo ao peito.

O homem parado não conseguia se mexer. O anão despertava medo. Muito medo. Não conseguia pensar senão na morte. A bexiga cheia vazou. A calça molhada encostava-se a suas pernas e ele sentia o gelado do xixi.

Aquela coisa pequena aproximou-se dele devagar. As mãos levantadas ao alto apenas conseguiam encostar-se à cintura do homem. E com a voz rouca e grave dizia:

- "Eu disse para você não se apaixonar... Quando se é apenas "o outro", nunca, nunca se apaixone." ❧

O Maravilhoso Mundo de MariLu em

Tã-tã-tã-tã-tã-tã-tã-tã-tã-tã*: MariLu vai à guerra!

MariB(98) e Luís(01)

"Saudações, caros-amigos-futuros-psicologuinhos-ou-não! Como vocês podem ter percebido agora estou lutando pelo que acredito, aderi voluntariamente às tropas da coalisão e decidi matar muçulmanos em nome da paz do povo iraquiano. Senti que esse é o ano, inspirada pela numerologia de Aparecida Liberato, e só retornarei tra-

zendo o troféu em punho e rolando alguns tonéis de petróleo.

Agradeço o apoio daqueles que aclamaram o texto passado, justamente por eu ter sido orgulhosamente a porta-voz de um sentimento que incomodava a tantos que não puderam falar por medo de uma repressão generalizada.

Mandarei notícias assim que tivermos pra lá de Bagdá!

E não se esqueçam: "Bombing for piece is like fucking for virginity"...UMA OVA!"

* Carta decodificada anteontem por MariB e Luís a partir de mensagem recebida em código Morse. ❧

Livros didáticos de Psicologia

Na última reunião da Congregação (instância máxima do IP) o prof. Gerson Tomanari colocou a proposta de se criar uma Coleção de Livros Didáticos de Psicologia, que seria escrita pelos professores do IP, aproveitando a experiência deles em aula e o material já produzido por eles.

A proposta foi aprovada e então será criada uma Comissão Editorial para especificar como serão esses livros didáticos. Ela será composta de um professor de cada departamento,

Guarujá (01) ❧

um funcionário da Biblioteca e um aluno do IP (a proposta de ter um aluno na comissão foi feita pelo Representante Discente (RD) e acolhida pelos professores).

Esse assunto também foi discutido na reunião de RD (realizada na última quinta-feira, às 12:30h, no CA, aberta a todos os alunos), aparecendo muitos questionamentos. Como será que esses livros vão ser adotados como obrigatórios nas nossas disciplinas? Será que isso não é uma

totalização do curso? Não é melhor ler as fontes no original? Será que isso não fará com que as Faculdades particulares adotem esse material, devido à grife USP? Será que nossos professores são didáticos?

Um dos caminhos para se fazer esses questionamentos será através do representante dos alunos nessa Comissão Editorial. Os alunos que estiverem interessados em ser esse representante procurem um RD ou mandem um e-mail para: rdpsicosp@yahoogrupos.com.br ❧

Natureza amorosa

O vento sussurra seu nome.
O sol irradia seus perfeitos traços.
O luar emana o contorno escultural dos seus lábios.
O mar embala a sensualidade dos seus beijos.

Nas orquídeas encontro o odor do seu perfume.
Nas estrelas identifico o brilho do seu olhar.
Nas nuvens sinto a maciez da sua pele.
Nas rosas sinto a delicadeza da sua face.

Meu grande amor,
A natureza me faz lembrar de você.
Meu único amor,

A natureza me faz chorar por você.
Meu ardente amor,
A natureza me faz desejar você.

João Rodrigo I. Matsumoto (03) ❧

Amor não correspondido

Olhar perdido na imensidão.
Tristeza dominante.
Lágrimas na escuridão.
Loucura incessante.

Inexiste paixão.
Falta seu calor.
Desafinado coração.
Implora seu amor.

O ar que respiro
Relembra seu perfume
Responsável por meu suspiro.

O labirinto escondido
É o enigma a ser decifrado
De um amor não correspondido.

João Rodrigo I. Matsumoto (03) ❧

Informe Bichusp 2003

23/03/2003

Hideaki "Batata" (99)
Futsal Masculino:

Psico 1x5 Química (gol de Luciano)
Atletas: Eliel, Felipe, Luciano,
Marcelo, Marcos "Moicano", Neto
e Rodrigo

Vôlei Feminino:

Psico 2x0 Nutrição e
POLI 2x0 Psico
Atletas: Camila, Carol, Cássia,
Dani H., Fernanda, Linn,
Marcela e
Fernanda

A qualidade das aulas no IPUSP

No primeiro BOCA deste ano, li uma matéria que fez despertar uma antiga angústia minha e agora quero compartilhá-la com todos do IPUSP.

A matéria era um informe da Comissão de Graduação sobre a renovação do reconhecimento do nosso Curso de Psicologia pelo Conselho Estadual de Educação. Segue uma parte da matéria: *"A boa notícia que a CG deseja compartilhar com a comunidade IPUSP é que o nosso curso, não só teve o seu reconhecimento renovado, como mereceu elogios destacados ao seu corpo docente (em especial à sua titulação e ao*

Guarujá (01) ^[10]

volume de publicações) e à sua excelente biblioteca", grifo meu.

A minha questão de angústia é: por que não se fala da qualidade das aulas?

Por que a qualidade de um curso de graduação é medida pelo volume de publicação (que é pesquisa) e pela titulação do professor (que também é pesquisa, pois, pelo que eu sei, não há nada, ou quase nada, de didática ou algo parecido, no mestrado e doutorado)?

Posso estar completamente errado, mas o que nós alunos constatamos é que algumas aulas são de má qualidade.

Não quero fazer uma "caça as bruxas", pois sabemos que o problema vai além do professor e do aluno, perpassando pela estrutura universitária e por políticas educacionais.

O meu objetivo com este texto é apenas fazer com que este assunto seja discutido pela comunidade IPUSP e que se crie um espaço onde isso possa ser feito, e com isso não fiquemos naquela velha máxima: "Os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem"; e o Instituto finge que não há problemas na graduação.



Por que doutorado direto?

Nivaldo Freitas (pós) ^[10]

(Este artigo foi redigido após algumas discussões entre alguns alunos da pós: Guilherme, Lygia, Tiago, Nivaldo, Teo...)

O Instituto de Psicologia está prestes a aprovar, sem prévia discussão, um programa de doutorado direto, ou seja, a possibilidade de alguém ingressar no doutorado sem ter apresentado uma dissertação de mestrado. O que foi dito por alguns docentes é que essa possibilidade estaria aberta para quem estivesse em um nível avançado de seus estudos e que portanto se mostrasse apto à pesquisa tal como pede uma tese de doutorado. Desconfiado de tal proposta em época de escancarada mutilação do ensino de qualidade e da verdadeira formação, este artigo intenta levantar algumas questões que pedem ao menos a reflexão e a abertura ao debate acerca de um tema que interessa desde os graduandos - já que se trata da formação de professores e pesquisadores - até os próprios pós-graduandos que podem, em breve, ter uma importante fase de sua formação acadêmica, o mestrado, considerado oficialmente uma etapa desnecessária.

A primeira questão, portanto, é quais seriam as implicações de tal proposta para o atual mestrado.

01/04/2003

Certamente muitos dirão que ele não será jamais ameaçado, pois como já dito, somente os que provarem preparo suficiente ingressarão no doutorado direto. Ora, sabe-se que todas as agências de fomento têm pressionado as universidades no sentido de encurtar o tempo de formação de um pesquisador, alegando com isso que mais pesquisadores poderiam ser formados. A lógica da quantidade em detrimento da qualidade fez com que o custo de formação de um pesquisador caísse em mais de 100% em menos de cinco anos, congelando o valor das bolsas distribuídas por tais agências, conforme mostram dados recentes. Bolsas para mestrado estão cada vez mais escassas, o que mostra como essa etapa está fora dos interesses dos órgãos financiadores. A Universidade brasileira tem estreita dependências de tais órgãos, pois eles propiciam desde complemento de salário de docentes até acervo de biblioteca e compra de materiais básicos para pesquisa. Assim, fica patente que o programa de doutorado direto vem como exigência de fim do mestrado, sutil, sorrrateiramente, mas é esse seu propósito. E a questão é

puramente econômica. Em tempos de atenção à formação, de apoio irrestrito ao mestrado e ao doutorado, proposta como essa, que nunca foi colocada, seria digna de escárnio ou suspeita de dar vazão à preguiça intelectual, caminho contrário ao esforço do pensamento. Em tempos nos quais os investimentos sorriem para os dados, para os números e estatísticas oficiais, a quantidade de doutores é o que importa. A mesma lógica observamos na criação de *campus* da USP na Zona Leste: mais vagas na universidade pública, mas com cursos modulares de três anos de duração. Quando a escola pública de ensino básico se expandiu ela foi também destruída. Agora é a vez do ensino público superior, tanto na graduação como na pós-graduação.

Os defensores do doutorado direto alegam, ainda, que em países "desenvolvidos" como os Estados Unidos essa prática já é antiga e que um país pobre não pode "sustentar" pesquisadores durante tanto tempo. É necessário que eles produzam. Tal posição desconsidera as diferenças estruturais do ensino em diferentes países, pois hoje no Brasil se ingressa na graduação depois de um ensino médio medíocre, sendo impossível


esperar, no tempo de uma graduação, um “pulo” intelectual tão grande, direto ao doutorado. O mestrado se apresenta como o início de uma reflexão própria, com a necessária orientação de um professor, elementos que a graduação não propicia e que é condição basilar já num início de doutorado sério. Além disso, não é feita nenhuma distinção entre as áreas de humanidades, exatas e biológicas. Essa é uma questão que necessita de reflexão antes da pronta resposta. Na humanidades, e aí a psicologia tem seu pouso, apesar da Fuvest não a classificar assim, pode haver doutorado direto sem as elaborações realizadas no mestrado?

Outra questão importante é sobre a maneira de se medir atualmente - antes de acabarem oficialmente com o mestrado - o preparo de um candidato para o doutorado direto. Já foi dito que os

departamentos não teriam condições de dispor funcionários para um novo programa e que ele teria que ser “encaixado” na mesma seleção atual do doutorado. Sabe-se que a análise realizada atualmente para o ingresso na pós-graduação não é profunda; por meio de prova de língua, prova escrita e análise do projeto é que se dá a seleção, mas esses mesmos critérios seriam suficientes para o preenchimento das vagas de doutorado direto? Não seria precipitado aprovar um programa sem saber como ele poderia funcionar?

Enfim, diante das incertezas em relação ao futuro do mestrado e da inconsistência de um programa de doutorado direto, é necessário que seja adiada a sua implantação para que haja o mínimo de debate em torno de tema tão importante para o futuro da pesquisa em psicologia na USP. Não se sabe até que ponto o IP poderia ir

contra uma tendência nacional, mas a falta de resistência alguma já é indicio de desinteresse da instituição por si mesma e pelo futuro da formação de seus corpos docente e discente. Propõe-se, portanto, a discussão do programa de doutorado direto nas comissões de pós-graduação de todos os departamentos, na Comissão de Pós-graduação do IP e na Congregação. Dessa forma, por meio do representante discente, poderá haver o diálogo entre professores e alunos e a reflexão de ambos sobre o problema.

Para tentar sanar a falta de comunicação entre os alunos da pós, está sendo criada uma lista de discussão na Internet, agregando e-mails do máximo de alunos possível. A discussão também merece ganhar a atenção dos alunos de graduação, envolvidos necessariamente com o futuro da pós-graduação. Espera-se que o debate ainda seja possível. 

OS GRANDES SEMINÁRIOS/IPUSP – 2003

focalizarão a UNIVERSIDADE e a AVALIAÇÃO de PESQUISA sendo que o 2.º SEMINÁRIO ocorrerá em **07 de abril de 2003 das 14:00-17:00h** e abordará o tema:

“A avaliação de pesquisa nas áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas”.

com os conferencistas:

§ *Valentim Gentil Filho*

Professor Titular do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) e do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. Pesquisador atuante com inúmeros artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, envolvendo dentre outros, problemas relacionados a diagnóstico, tratamento e psicofisiologia de desordens afetivas e do humor.

§ *Paulo Menandro*

Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq na área de Psicologia Social. Membro da Comissão que elabora as Diretrizes para o Exame Nacional de Cursos. Representante da Área de Psicologia junto à CAPES/MEC, eleito pelos Programas de Pós-Graduação, com mandato até outubro de 2004.

§ *Maria Herminia Tavares de Almeida*

Professora Titular do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas FFLCH/USP. Pesquisadora atuante, com livros e vários artigos publicados, no Brasil e Exterior, envolvendo temas ligados a Democracia, Governo e Proteção Social.

Conversa de boteco

Marcos Tamaki (03)

“...drinking champanhe and tastes like coca-cola...”

(A música é Lola, do grupo The Kinks - de mil novecentos e bolinha)

Aventuras do dia a dia: o vizinho do apartamento leva o cão prá fazer cocô na calçada, o carro da frente te dá uma fechada na maior, o povo joga lixo prá todo lado e depois sofre com a inundação, a mídia distorce os fatos como interessar, o comerciante aumenta os preços além da inflação, convivemos uma ética de “cosa nostra” e deixamos por isso mesmo, os governantes não correspondem às necessidades do povo, Bush dá um pé na bunda da ONU e manipula o mercado de ações, e assim caminha a humanidade - é isso aí - bem vindo ao mundo real. E, felizmente, não é o “Admirável Mundo Novo” ou “Fahrenheit 451” (o filme de François Truffaut é referência!).


Aliás faz tempo que não aparece nenhuma obra de ficção que dê uma perspectiva nova de futuro, talvez Blade Runner (Do the androids dream with electric sheeps) foi a última vez que pudemos apreciar um grande trabalho, do livro de Phillip K. Dick, masetria


Local: Anfiteatro do IPUSP

Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, Travessa 4, Bloco 23 – Cidade Universitária/São Paulo-SP

Informações e inscrições: Fone - (11) 3091-4383 / Fax - (11) 3091-4475

Home-page: www.usp.br/ip/pesquisa/inicio.htm

E-mail: lacri@sti.com.br 

na direção e refinada estética de Ridley Scott, a bombástica trilha sonora de Vangelis - devo ter visto umas dez vezes pelo menos. O momento marcante do filme, no mínimo instigante, é o encontro do “criador” Tyrrel (cientista genético) com sua última criatura, Roy. Deus criou o homem e o homem criou outro homem a sua imagem, porém mais forte, mais inteligente, mais resistente mas, mesmo assim, imperfeito. Diferente do mito de Frankenstein, onde tem espaço a rejeição, a dor da diferenciação; a angústia do replicante “Nexus 6” é, muito pior do que ser usado e descartado, ter que inexoravelmente morrer: o criador não pode conceder eternidade, talvez nem ele a tenha ... 

Agenda:

Enviado por Paty V.G. (03)

Sexta-feira, 04/04:

Happy Hour

Local: Corredor do IP

Horário: 19h

Sábado, 05/04:

I Seminário de Atualização em Psicologia Hospitalar e da Saúde

Tema: "O atendimento a pacientes com câncer e terminais – Formação e atributos do profissional da saúde"

Local: Merak Hotel Moema

Informações:

Tel.: (11)5054-3053

e-mail: ceppsadc@hotmail.com

site: <http://alaidecantone.vila.boi.br>

Segunda – feira, 07/04:

Segundo Seminário do ciclo dos Grandes Seminários/IPUSP – 2003:

Tema: "A avaliação de Pesquisa nas áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas"

Local: Anfiteatro do IPUSP

Horário: Das 14h às 17h

Quarta – feira, 09/04:

Curso de Aperfeiçoamento

"Mecanismos adaptativos quanto a

violência em crianças", oferecido pelo Centro de Estudos do Crescimento e Desenvolvimento Humano da Faculdade de saúde Pública (FSP) da USP.

Evento gratuito e não necessita de inscrição prévia.

Local: Sala Cyro Ciari Júnior da FSP, localizada à Av. Doutor Arnaldo, 715, Cerqueira César

Informações: Tel.: 3091-4459 / 5024

Sexta-feira, 25/04 e sábado 26/04

1º Colóquio Internacional "Os professores Escutam a Psicanálise"

Local: Auditório da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação

Horário: das 8h às 19:30h na sexta-feira, 25/04 e das 8h às 13h no sábado, 26/04

Inscrições até dia 23 de abril com limite de vagas - R\$50,00

Mais informações: 3814-2892

Enviado por Batata (99)

** A Invenção da Psicanálise **

01 de Abril de 2003

18,00h — Exibição do Filme "Freud além da alma" de J. Huston

20,00h. — Conferência de Maria

Cristina M. Kupfer - IPUSP

Coordenação de Leandro de Lajonquière - FEUSP

Local: Auditório da Faculdade de Educação da USP

Evento gratuito e aberto ao público, sem inscrição prévia. Entrega de certificados.

Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância – LEPSI

Enviado por José Israel(01)

PALESTRA COM EWERTON DE CASTRO
DISCUSSÃO DA PEÇA "EQUUS",
COM A PROFª LEILA TARDIVO.
SEGUNDA-FEIRA
DIA 07.04.10H
NO ANFITEATRO DO IPUSP

Teses e Dissertações a serem defendidas

enviado por Batata (99)

Candidata: Marise Bartolozzi Bastos (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Dissertação: Inclusão Escolar: um trabalho com professores a partir de operadores da psicanálise

Orientador: Professora Associada Maria Cristina Machado Kupfer

Data Defesa Pública: 04 de abril de 2003 às 10:00h

Local: Anfiteatro do IP

Candidata: Clarissa Medeiros (Psicologia Clínica)

Dissertação: Criando possibilidades de intervenção psicoterapêutica junto a pessoas com desordens do espectro autista na perspectiva da psicanálise do self

Orientador: Professora Doutora Ivonise Fernandes da Motta

Data Defesa Pública: 07 de abril de 2003 às 9:00h

Local: Sala 22 do IP

Candidata: Ingrid Esslinger (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Tese: O paciente, a equipe de saúde e o cuidador. De que é a vida, afinal?... um estudo acerca do morrer com dignidade

Orientador: Professora Associada Maria Júlia Kovacs

Data Defesa Pública: 04 de abril de 2003 às 14:30h

Local: Sala 20 de Bloco Didático do IP

Candidata: Cristiani Kobayashi (Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)

Dissertação: Da história da dor para a dor na história: Histórias de vida de pacientes com dor

Orientador: Professora Associada Maria Júlia Kovacs

Data Defesa Pública: 08 de abril de 2003 às 9:00h

Local: Sala 14 do IP

Lançamento de Livro:

Enviado por Batata (99)

Psicologia e Educação na Amazônia: Pesquisa e Realidade Brasileira

Autor: Ronilda Ribeiro, Miguel Nenevé e Marilene Proença (Organização)

Editora Casa do Psicólogo

Lançamento: 11 a 14/04/2003

Local: VI Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional – Faculdade Ruy Barbosa – Salvador/BA

Fenomenologia – Existencial

Enviado por Sheila (01)

Estou formando um grupo de estudos em fenomenologia existencial para alunos de psicologia de 1º, 2º e 3º ano.

Nosso grupo irá estudar autores tais como: Heidegger, Husserl, Boss, Binswanger, Buber, Kierkegaard, Perls, entre outros, fornecendo um panorama introdutório da abordagem.

Início: dia 07/04, 2ª feira, às 18:00hs.

Frequência: Uma vez por semana.

Local: Rua Ministro de Godói, 1343, Perdizes.

Investimento: R\$ 45,00 por mês.

Máximo de 8 alunos!

Orientador do Grupo: Rafael Ogalla Tinti (Psicólogo formado pela PUC-SP e mestrando em Psicologia Clínica pela USP).

Telefone para contato: (11)3872-2172 / (11)9522-1997 –

www.rafaeltinti@hotmail.com

O C.A.I.I. E A LUTA ANTIMANICOMIAL

José Israel (01) ^[10]

Em artigo publicado no BOCA nº 1, de 12.03.03, o César-Xuxu (01), membro efetivo do CAII, convidou toda a comunidade Psico-USP a se integrar ao Movimento da Luta Antimanicomial. A integração é bem-vinda, necessária e se pode realizar ao se assistir às reuniões mensais promovidas pelo Fórum da Luta Antimanicomial, na sede do CRP-SP, no primeiro sábado de cada mês, bem como, participando do esforço de organização de diversos eventos alusivos ao *Dia da Luta Antimanicomial, 18 de maio*. Essa organização, no âmbito acadêmico, está sendo promovida pelo COREP-SP e, dentre os eventos previstos, merece destaque um simpósio alusivo ao tema, que está sendo programado pela USP, PUC, Mackenzie e outras instituições.

Em 2002, o BOCA publicou artigo do Daniel Lirio (97) e o CAII promoveu palestra, proferida por **Pedro Carneiro**, representante do Fórum da Luta Antimanicomial, focalizando, ambos, as mazelas das práticas manicômiais. Essas providências, embora tímidas, foram as possíveis de se adotar no contexto de então, mas, *o CAII há anos vem se preocupando em colaborar para o fortalecimento do Movimento da Luta Antimanicomial, especialmente, no âmbito que lhe é próprio: o da comunidade Psico-USP. Nas últimas reuniões do CAII, têm sido discutidas formas de participação dessa comunidade em eventos que estão sendo programados para a semana que inclui o dia 18 de maio, Dia da Luta Antimanicomial.*

A propósito, relembro o Simpósio “FIM DE SÉCULO: AINDA MANICÔMICOS?”, realizado em maio de 1997 e organizado pelo Laboratório de Estudos em Psicanálise e Psicologia Social (LAPSO), Centro Acadêmico Iara Iavelberg (CAII) e Coral Cênico de Saúde Mental. Diversos docentes e discentes (aí, Lygia de Souza Viegas!) compunham a Comissão Organizadora, como membros ou colaboradores. O evento teve amplo apoio institucional e financiamento garantido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, e pelo IPUSP.

A realização do simpósio foi mobilizada pela preocupação em propiciar ampla comunicação entre diferentes segmentos sociais e institucionais, visando-se à definição e implantação de práticas antimanicomiais e à adequação da formação acadêmica a uma nova realidade social. Foram expostas e debatidas diversas contribuições teóricas a respeito, produzidas pela USP, outras instituições públicas e movimentos representativos da sociedade civil brasileira, bem como de outros países latino-americanos. Analisou-se o cenário neoliberal de então, a ampliação do conceito “antimanicomial” e foram propostas formas substitutivas às de manicômio para assistir o sujeito com sofrimento mental.

Os temas apresentados no simpósio foram agrupados nas seguintes partes:

I - Exclusão x cidadania na modernidade - **Olgária Chaim Féres Matos, Maria Inês Assumpção Fernandes e Paulo Amarante** refletiram sobre conceitos como cidadania e subjetividade, construídos na atualidade de 1997, em função da conjuntura econômica, política e social.

II - Políticas públicas, neoliberalismo e movimento antimanicomial na América Latina - **Nacile Daud Jr (Brasil), Guillermo Barrientos (Cuba), Maria Eugênia Velasco (México), Walter Alexandre (Uruguai) e Gregório Kazi (Argentina)** focalizaram aspectos básicos do neoliberalismo a partir dos princípios antimanicomiais.

III - Formação acadêmica e práticas antimanicomiais - **Maria Helena Souza Patto e Marlene Guirado** comentaram a formação do psicólogo e a “neutralidade” que dissimula o exercício profissional em sua dimensão política e no intercâmbio com outros campos teóricos e sociais. Os representantes do CAII no Simpósio “Fim de século: ainda manicômios?” [maio de 1997] discutiram sua formação enquanto alunos da graduação do IPUSP, em que reconheciam que esta proporcionava práticas profissionais de qualidade e transformadoras da realidade, mas, viam nela uma estrutura desarticulada, contraditória, que podia favorecer a manutenção da situação manicomial criticada.

IV - Pesquisas e práticas antimanicomiais - **Isabel Cristina Lopes e Júlio César Giúdice Maluf** discorreram sobre a construção de práticas que articulam arte e trabalho na produção de espaços de convivência que visam à retomada da cidadania dos sujeitos com necessidades especiais em saúde mental. **Jonas Melman** falou sobre a contextualização da família desses sujeitos, a partir da adoção de novas formas de atenção à saúde mental, e **Ianni Régia Scarcelli** discutiu como se poderia dar a inserção dos trabalhadores em saúde mental na implantação da rede substitutiva paulistana.

Obs.: As informações sobre o simpósio de 1997 foram extraídas do livro “**Fim de século: ainda manicômios?**” / Fernandes, M.I.A. org., São Paulo, IPUSP, 1999.

